

cristiana y el islam como base para un diálogo teológico entre religiones.

Las contribuciones de este libro abarcan prácticamente todos los campos de estudio en torno al cristianismo en Oriente Medio que goza de interés en la actualidad gracias al trabajo de especialistas como Martin Tamcke —homenajado con esta obra— y muchos de los participantes en este trabajo.

LOURDES BONHOME PULIDO
Universidad de Córdoba

HEYBERGER, Bernard, *Les chrétiens au Proche-Orient: De la compassion à la compréhension* «Manuels Payot» (Paris : Éditions Payot-Rivages, 2013), 157 pp. ISBN 978-2-228-90883-2

Nestes anos turbulentos e trágicos para o cristianismo em terras islâmicas, com toda a riqueza das suas dimensões históricas, confessionais e etnolinguísticas, surgiu uma panóplia de obras em várias línguas e países. O livro que aqui se apresenta destaca-se pelas qualificações do autor e a particularidade da sua abordagem e perspectiva. É que Heyberger é ao mesmo tempo historiador e sociólogo, um bom conhecedor do Médio Oriente. Pretende aqui contribuir para o conhecimento da “dinâmica político-religiosa” da região subjacente à crise, “na perspectiva do tempo longo e do contexto político global”.

O autor dirige o Institut d'études de l'Islam et des sociétés du monde musulman (IISMM) da École des hautes études en sciences sociales (EHESS). No quadro geral dos estudos sobre o Islão, centrou a sua pesquisa sobre os cristãos daquela zona (arabe, turca e iraniana). Mencionemos em particular a sua obra *Les chrétiens du Proche-Orient au temps de la Réforme catholique [xvi^e-xviii^e siècles]* (Rome, École française de Rome, 1994 ; rééd. récente) e a coordenação do volume colectivo *Chrétiens du monde arabe: Un archipel en terre d'Islam* (Paris: Autrement, 2003). Uma nota preliminar antes do índice final (p. 155) informa-nos de que

o presente livro se inspira das lições semanais a cargo do autor na École pratique des hautes études (EPHE), juntamente com os debates que se lhes seguiam.

Sem ignorar os momentos difíceis senão dramáticos que atravessam as diferentes comunidades cristãs da região – como, de resto, os outros grupos religiosos ou étnicos “minoritários” –, Heyberger lembra verdades históricas e fornece elementos de análise com vista a ir para além dos lugares comuns dos meios de comunicação ou de um bom número de obras parciais ou polémicas. Esses *clichés* de vitimização estéril das minorias averiguam-se afinal como sendo o reflexo das relações complexas, e complexadas..., entre Ocidente “cristão” e Islão. A obra, densa e bem documentada, dirige-se tanto ao leitor europeu interessado como às populações contempladas, as quais, presas como estão na tormenta, têm tendência a fechar-se e agravar a sua exclusão, a ignorar a sua história global e as falhas da sua fixação identitária ou os erros das suas estratégias de sobrevivência.

Enquadrados por uma “Introdução” (pp. 7-13) e uma “Conclusão” (pp. 147-153), temos cinco capítulos ou secções sem numeração que abordam sucessivamente: “La délicate question du nombre” (pp. 15-41); a “Division et dispersion” dos grupos confessionais (pp. 43-68); a articulação das suas hierarquias com o poder político e civil: « L’État et la nation » (pp. 69-101); a teoria e história do lugar dos não-muçulmanos em qualquer estado islâmico (*xaria* e estatuto de *ḍimmi*): “*Millets et citoyenneté*” (pp. 103-124); “Partage du sacré, compétition confessionnelle et nouvelles religiosités” (pp. 125-145). Uma sequência de temas, pois, refletindo as condições que presidiram à composição do volume, como assinalado atrás.

Sem podermos nos alongar sobre cada um destes tópicos, há um aspecto do drama da presença cristã na Terra do Islão exposto no capítulo “Divisão e dispersão”, que gostaríamos de articular melhor e comentar.

Trata-se da multiplicidade das jurisdições eclesiásticas que dividem os cristãos entre eles. Ao lado da dimensão étnico-linguística que caracteriza todo o território do Médio Oriente, onde tribos árabes e turcas se instalaram e difundiram o islão (populações aramaico-siríacas, gregas ou helenizadas, coptas, arménias), temos as divisões históricas originadas pelas divergências dogmáticas relativas a problemáticas antigas e por práticas religiosas bastante secundárias, ao mesmo tempo que pelas tensões internas do antigo império bizantino (populações e hierarquias eclesiásticas indígenas contra o poder político arbitrário e hegemónica exógena). Mais tarde, na esteira do colonialismo europeu, católicos e protestantes (estes, na variedade de suas Igrejas ou seitas) vieram semear mais discórdia, triplicando e mais as jurisdições eclesiásticas já existentes. Acrescente-se a mobilidade populacional em toda a região, na mesma época, fruto das novas dinâmicas económicas que marcaram a chegada do capital estrangeiro no Império Otomano e as convulsões políticas e étnicas que acompanharam o seu fim trágico depois da I Guerra Mundial. De modo que se pode contabilizar até quinze jurisdições cristãs concorrentes em algumas capitais da região, quando os cristãos constituem já em si uma pequena minoria numérica, suspeita por cima de conluíus com as potências coloniais e imperialistas.

Que pobre testemunho aos olhos de populações muçulmanas desorientadas, procurando alguma unidade para quebrar o impasse causado por sucessivamente este colonialismo (“cristão”), os nacionalismos socialistas próximos do comunismo ou as ditaduras ao serviço de interesses alheios! Além disso, essa competição confessional entre cristãos obriga as várias comunidades a fortalecerem a sua identidade histórica, doutrinária ou étnica, virada para o passado, em vez de participar em pleno na procura de novas cidadanias inclusivas e modernas.

Na *Conclusão*, Heyberger põe precisamente esta pergunta, depois de mencionar as várias opções no seguimento das revoluções mais ou menos abortadas da chamada “Primavera árabe”. Independentemente da evolução da situação e das soluções imediatas – e aqui ele se junta ao “nacionalista árabe” libanês Antoine Fleyfel ou o seu compatriota Ahmad Beydoun¹–, a prioridade não residirá numa “democracia baseada na liberdade dos indivíduos, incluindo a dos muçulmanos: liberdade de consciência e de expressão, plasmada numa lei secularizada?” (p. 149).

Não nos vamos iludir, é a maioria muçulmana que irá definir a saída do momento actual. No entanto, sem deixar de lutar para um lugar digno nas novas configurações a emergirem, os cristãos devem sempre ter aquilo em perspectiva. Não procurar preservar ou melhorar as prerrogativas religiosas do antigo sistema das *millets*, mas pugnar, antes de tudo, em prol de uma “cidadania” nacional em nome dos direitos fundamentais do homem moderno.

Como bem dizia Kaouès Fatiha, na sua resenha do livro (*Revue des mondes musulmans et de la Méditerranée*, 136-2014), apesar da empatia óbvia em relação às populações cristãs que o autor demonstra, “em momento nenhum a sua exposição se deixa manchar pela complacência”. O seu livro constitui, pois, “uma ferramenta útil para a compreensão inteligente e desapassionada dos cristãos do Médio Oriente e o que está em jogo quanto à sua presença em terras islâmicas”.

ADEL SIDARUS
Évora (Portugal)

¹ A. Fleyfel, *Géopolitique des chrétiens d'Orient: Défis et avenir des chrétiens arabes* (Paris: L'Harmattan, 2013); A. Beydoun, *Liban, dégénération ou réforme orpheline* (Arles: Actes Sud, 2009).